

## ***Janelas do Jaguaré: experiências de criação artística em meio à pandemia***

### ***Jaguaré windows: experiences of artistic creation in the midst of pandemic***

Leandro de Oliva Costa Penha  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
CNPQ

Patrícia Ribeiro de Almeida  
Pesquisadora independente

#### ***Resumo:***

*Moradores do Jaguaré foram convidados durante a pandemia pela equipe do projeto PALCO a registrarem poeticamente suas paisagens e enviarem para artistas produzirem obras em prol do combate à fome. O artigo analisa o processo de criação dos artistas a partir do desafio de ter não apenas as próprias inquietações, mas o olhar do outro sobre esta experiência coletiva como materialidade. Também investiga os diálogos que se estabelecem na tentativa de responder poeticamente ao estímulo oferecido.*

***Palavras-chave:*** “processos de criação”, “comunidade”, “favelas”, “pandemia”

#### ***Abstract:***

*Residents of Jaguaré were invited by the social project named PALCO to poetically record their landscapes and share their work with artists who produced works for a campaign against hunger. This article analyzes the creation process of the artists based on the challenge of having their own concerns added to the other's view of such challenging collective experience as materiality. It also investigates the dialogues that are established in an attempt to respond poetically to the stimulus offered.*

***Keywords:*** "creation process"; "community"; "slums"; "pandemic"

## **O Projeto PALCO e o Jaguaré**

O projeto social PALCO (Projeto para Arte, Lazer, Cultura e Orientação) tem como objetivo promover e ampliar o conhecimento, o acesso e o interesse pela arte auxiliando no fortalecimento de competências e habilidades socioemocionais de crianças, jovens, adultos, idosos que vivem em situação de vulnerabilidade social. Foi criado no segundo semestre de 2013, por Leandro de Oliva Costa Penha, pesquisador de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), orientado pela Profa. Dra. Sumaya Mattar, ator, arte/educador e produtor.

Com patrocínios de empresas, desde 2014, são oferecidas, gratuitamente, aulas de teatro, dança, artes visuais e música para diferentes faixas etárias. As atividades, até antes da

pandemia, ocorriam no contraturno de escolas públicas, organizações sociais, Unidades Básicas de Saúde, Centros de Educação Unificados em diferentes regiões da cidade de São Paulo. Além das aulas, há saídas pedagógicas para teatros, museus, parques e derivações pelos bairros, mostras culturais e ações de formação de público em parceria com teatros e produtoras da cidade. A equipe é formada por educadores de diferentes linguagens artísticas, jovens educadores, que são educandos que participaram ou participam do projeto, maiores de idade, com interesse na área, que realizam assistência às aulas, e coordenadores: administrativo-financeiro, pedagógico, artístico e de criação (voltado para a poética de cada aula e de cada educador).

De 2014 a março de 2020, as atividades ocorriam de uma a duas vezes por semana, no período de nove meses/ano, com duração de 60 a 180 minutos/aula. Em 2020 o projeto mantém parceria com três escolas estaduais, duas organizações sociais e com uma Unidade Básica de Saúde na zona oeste e em uma organização social na zona sul da cidade de São Paulo.

### **Sobre os participantes do Projeto PALCO e a ação “Pelos janelas do Jaguaré”**

Em 2020 o projeto PALCO começou com 214 participantes inscritos, sendo 60% crianças e jovens, de 7 a 17 anos do sexo feminino. Já na segunda semana de março, em virtude da pandemia causada pelo vírus COVID-19, as atividades do Projeto PALCO, foram suspensas. Para Leandro, como diretor geral, era inviável pensar em atividades remotas naquele momento. A primeira resposta voltou-se para questões emergenciais de combate à fome que se expandia diante do desemprego desenfreado que se instalou. Com Uridéia Andrade, moradora da comunidade Vila Nova Jaguaré e proprietária de um buffet, que também teve suas portas fechadas e eventos cancelados, criou o Movimento Mobiliza Jaguaré, com diferentes ações para arrecadação de recursos e alimentos.

Em se tratando de arte/educação, com base nos objetivos de ampliação, acesso e interesse pela arte e em ações que começaram a surgir, de forma mais intensa, como visitas virtuais à museus, os diálogos e shows ao vivo (lives) transmitidos pelas redes sociais, a equipe de coordenação do Projeto PALCO, em abril, decidiu realizar convites, pelas redes sociais e pelos aplicativos de comunicação via telefones celulares, aos moradores do bairro Jaguaré: o que você vê pela sua janela neste momento de pandemia?

Em apenas dez dias, 21 canções, poemas, vídeos e fotografias foram enviados. Paralelamente, a equipe convidou 21 artistas<sup>1</sup> do projeto, do bairro Jaguaré, das regiões centrais e periféricas da cidade para, com base nestes registros poéticos, criarem obras que seriam,

---

<sup>1</sup> Dois artistas desistiram ao longo do processo. Ao final, a ação contou com 19 artistas.

posteriormente, leiloadas, também via plataforma virtual, em prol da campanha solidária Mobiliza Jaguaré. A proposta estava voltada tanto para a produção artística de artistas profissionais e não-profissionais, quanto para a arrecadação de fundos para a campanha solidária e para o pagamento de cachês a artistas que, repentinamente, ficaram sem renda alguma. Quarenta por cento do valor arrecadado foi enviado a cada artista como cachê e 60 foi destinado à campanha. Alguns artistas preferiram destinar todo o valor para a compra de cestas básicas para as famílias desassistidas do Jaguaré.

Os artistas produziram suas obras ao longo do mês de maio, período em que os diálogos entre artistas, moradores, educandos, educadores, entre as pessoas envolvidas na ação foram mais intensos. Diálogos, muitas vezes, sem palavras; em outras ocasiões, a distância era diminuída pelo ouvir vozes ao telefone ou durante uma mensagem deixada.

No leilão ocorrido em junho, via plataforma de leilão virtual, havia fotos, pinturas, desenhos, colagens e bordados. Em julho, o trânsito artístico dentro da cidade foi efetivo. Obras que saíram do Jaguaré inspiraram outras em diferentes bairros centrais e periféricos e chegaram a outros territórios. Um vídeo elaborado por uma jovem moradora de comunidade da zona oeste inspirou a elaboração de um bordado por uma artista residente na zona sul e foi adquirido por uma compradora de uma cidade do interior, por exemplo – um trânsito ocorrido com a criação de todas as obras.

Como resultado, 16 das 19 obras produzidas foram leiloadas, 72 cestas básicas foram entregues a diferentes famílias, oito artistas foram remunerados pela venda de suas obras (cada artista que estabeleceu o preço mínimo de sua obra), um artista recebeu patrocínio de um dos compradores do leilão, o que possibilitou a continuidade de sua produção em momento de pandemia, 42 pessoas que não se conheciam passaram a se conhecer, inicialmente, pelo fazer artístico de cada um, além de uma rede artística e solidária que foi fortalecida.

O convite para participar da ação foi recebido pelos artistas de maneira positiva, como uma verdadeira oportunidade de encontro e de intercâmbio em um momento em que todos estávamos voltados para nossas vidas cotidianas, porém conectados pelas duras notícias da pandemia que nos assola.

Tal evento sem precedentes, além de nos colocar diante da necessidade de nos apoiarmos mutuamente, com toda certeza gerou uma enorme tensão. A dificuldade de enxergar o caminho adiante, a preocupação e a incerteza causada por um elemento invisível e terrivelmente mortal fizeram com que todos nós fôssemos atravessados por algo que, sem nenhuma dúvida, é da ordem do real. Por outro lado, o isolamento, a impossibilidade da troca

presencial e a sensação de serem os dias quase todos iguais nos forçaram a inventar alternativas para nossa vida e nossa produção.

Em primeira instância, o convite para participar da ação proposta pelo Projeto PALCO tinha como principal objetivo fomentar a campanha de ajuda solidária por meio da arrecadação realizada com a venda dos trabalhos. Entretanto, após a conclusão da ação e a pretexto de produzir este artigo, entramos em contato com alguns dos artistas participantes e pudemos levantar outros aspectos desta experiência de criação artística que teve como disparador elementos de um momento tão específico.

O primeiro aspecto que desejamos abordar é justamente a maneira como uma tensão compartilhada tornou-se uma espécie de elemento motivador da criação. Dentre os convidados, nem todos atuam profissionalmente como artistas, mas todos eles, antes do início do isolamento social, mantinham suas produções. Para Guinho Nascimento, multiartista periférico, morador da Vila Dalila, Zona Leste de São Paulo, a participação foi uma espécie de estímulo para a retomada da produção, já que não pintava há aproximadamente seis meses. De acordo com o artista, a observação durante a circulação por espaços públicos foi sempre um disparador para seus trabalhos e o isolamento havia interrompido essa relação com um elemento importante para seu processo de criação:

Meu processo criativo se dá muito na relação com a cidade, essa coisa de ficar muito dentro de casa, eu não sabia muito o que fazer e produzir para esta ação possibilitou uma saída. Foi uma saída através de cada registro que os moradores e moradoras do Jaguaré fizeram.<sup>2</sup>

A ação Pelas Janelas do Jaguaré foi desenvolvida logo nos primeiros meses do isolamento social, no momento em que a crise era fomentada diariamente por informações governamentais desconstruídas e por todas as dúvidas relacionadas não apenas a circulação do vírus, mas sobre sua duração e sobretudo sobre quais seriam as perspectivas futuras após esta qualidade de vivência.

Ostrower, artista e teórica da arte, pesquisadora do fenômeno da criatividade humana e seus desdobramentos expressivos, se refere à tensão psíquica como um componente dos processos de criação. Para a autora, a ausência de certo estado de tensão impossibilitaria o conhecimento sobre o significado da ação que conduz o ato criador. *Acompanhando o nosso fazer e impregnando-o com certas ênfases, a tensão psíquica se transmuda em forma física*

---

<sup>2</sup> Resposta enviada pelo artista Guinho Nascimento sobre a seguinte pergunta: Com base em sua participação na ação Pelas janelas do Jaguaré em abril/maio de 2020, como foi para você, neste momento em que estamos todos mais para dentro de nós, criar a partir de outra janela, de um outro olhar, de outro registro poético?

(OSTROWER,1986). Entretanto, Ostrower destaca a necessidade de compreender que o fazer criador não é exatamente uma oportunidade de descarga desta tensão, mas ela deve ser mantida e elaborada, de modo que tal elaboração possa contribuir com a manutenção da vitalidade do trabalho. Neste sentido, a tensão compartilhada por todos os envolvidos na ação, causada pelas circunstâncias conhecidas, pôde tornar-se, durante este processo, um impulsionador do trabalho, assim como um fator de reconhecimento, no sentido de rever e reafirmar, dos propósitos que motivam o exercício criador de cada um. Para Ostrower:

Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoa, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver; um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. (OSTROWER, 1986, p.28)

Este convite para produzir artisticamente em um momento de muitas dificuldades e impedimentos surge como uma oportunidade de, por meio de um intenso processo de revisão da própria realidade, intensificar a potência criadora diante de propósitos que estão sendo atualizados pelas circunstâncias. Nos depoimentos enviados após a realização da ação pudemos identificar que estas pessoas, ao mesmo tempo em que abraçaram uma causa solidária, encontraram uma oportunidade de reorganização do próprio fazer artístico. Para muitos deles, a chegada da pandemia e a necessidade de isolamento os colocou em estado de reflexão sobre o próprio trabalho. Para artistas como Guinho Nascimento, o convite foi um chamado para reorganização e retomada da produção artística.

Esta compreensão de estar diante de uma realidade nova e um tanto incômoda acontece por meio da articulação entre a razão e a percepção sensível. Para que possamos compreender as mudanças contextuais, é preciso que estejamos sensivelmente abertos a elas. É a sensibilidade, a possibilidade de um diálogo sensível que nos ajuda a organizar esta realidade atualizada. Para Ostrower, a capacidade de perceber o entorno é o que dá contorno àquilo que podemos compreender de maneira racional. É esta percepção sensível a responsável pela articulação entre *o nosso ser dentro do não-ser* (OSTROWER,1986). O olhar do outro, dos moradores que enviaram seus registros, estava ali, apesar das diferenças sociais e dos recursos que cada um possuía naquele momento para lidar com as adversidades, apresentando uma possibilidade de diálogo sensível.

## **Isolamento como materialidade que promove o diálogo**

As obras realizadas para a ação apresentaram caminhos variados de criação. A apropriação dos registros poéticos enviados se deu através de materiais e suportes diversos: bordados, fotografias, pintura, colagem.

Considerando a lição de Ostrower quando nos atenta para a necessidade de compreendermos aquilo que não é substância material, que não pode ser tocado, como materialidade que faz parte do processo de criação, percebemos que os elementos que envolveram o tema central da ação - o isolamento, a necessidade de permanecer em casa e distante da vida comum - podem ser entendidos como materialidades de grande importância, que foram transformadas pelo fazer artístico.

O outono de 2020 na cidade de São Paulo foi marcado por períodos frios, porém temperados por uma bonita luz solar. Durante alguns dias do mês de abril, paulistanas e paulistanos que, neste momento, com as restrições ao comércio e equipamentos de lazer, viviam a maior parte do tempo no interior de suas casas puderam contemplar finais de tarde quase espetaculares. A incidência dos raios de sol nas partículas geladas que compõem a nebulosidade transformou o céu de uma das cidades mais caóticas do país em uma verdadeira pintura viva. Em meados de abril, justamente quando os moradores do Jaguaré foram convidados a participar da ação, fomos todos presenteados com estes finais de tarde, com o céu refletindo tons de laranja, rosa e lilás.

Ao serem provocados pela pergunta “O que você vê da sua janela neste momento de pandemia?”, muitos moradores do Jaguaré enviaram seus registros do céu destes dias. A artista Serena Labate comentou:

Lembro muito das fotos dos céus. Tinha sido uma época com céu bem marcante. Ao receber as fotos dos moradores do Jaguaré, notei que mesmo estando em pontos diferentes da mesma cidade, alguns fenômenos da natureza chamaram atenção de todo mundo. Apareceu nos registros de pessoas diferentes, dos moradores, nas redes sociais várias pessoas postaram. Eu mesma observei o céu naquele dia. Achei interessante como existem alguns fenômenos que transcendem o individual e acabam ressoando, de certa forma, no coletivo.<sup>3</sup>

Este contraste entre o isolamento, entre a sensação de estarmos presos e as imagens poéticas suscitadas pela imensidão de um céu cheio de cores alimentou parte das produções dos artistas participantes. A pandemia nos trouxe uma nova percepção da passagem do tempo e com

---

<sup>3</sup> Resposta enviada pela artista Serena Labate sobre a seguinte pergunta: Com base em sua participação na ação Pelas janelas do Jaguaré em abril/maio de 2020, como foi para você, neste momento em que estamos todos mais para dentro de nós, criar a partir de outra janela, de um outro olhar, de outro registro poético?

ela a observação de detalhes que antes nos escapavam com facilidade. Neste sentido, ver o céu, sua imensidão e nuances cromáticas cobrindo um espaço infinito por onde costumávamos viver, mas que tivemos que evitar, foi um dos elementos mais presentes na produção das obras da ação.

Um dos registros enviados por uma moradora do bairro registrava o que era possível enxergar através das pequenas frestas, janelas e aberturas de sua casa que fica no meio da comunidade Vila Nova Jaguaré. No vídeo, podemos perceber a imensa quantidade de outras construções que se colocam como obstáculo entre o olhar da moradora e o céu, que aparece como último plano. Estas pequenas aberturas para a cidade são compostas por alguns pequenos bilhetes escritos a mão. Entre eles, uma mensagem que também alimentou diretamente algumas produções: Aqui tem gente.

A partir deste registro de confinamento a artista Serena Labate criou a obra “Afirmar a vida mesmo em carne viva”, um bordado que apresenta uma cabeça humana com os músculos expostos, acompanhada da frase retirada do registro descrito acima: aqui tem gente.

Ainda na esteira de Ostrower, *a materialidade não é, portanto, um fato meramente físico, mesmo quando sua materialidade o é. (...) para o homem, as materialidades se colocam num plano simbólico, visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação* (OSTROWER, 1986).

Para além do que possam comunicar as linhas, cores, tecidos, as canções e registros visuais enviados pelos moradores e os outros materiais empregados na elaboração dos trabalhos, o isolamento, entendido como materialidade a ser trabalhada neste processo, foi o elemento que melhor estabeleceu este canal de comunicação. Registrar poeticamente a experiência de se estar confinado ou receber estes registros para que sirvam de pontos de partida para criação, estas ações promoveram uma espécie de via de escuta e de partilha de uma experiência que, como nunca, atravessava a vida de todos.

Para Cecília Salles, *é necessário entrar na complexidade da constatação de que a criação é um ato comunicativo* (SALLES, 2009). A bagagem teórico-poética dos artistas está sempre em diálogo com o contexto em que estão inseridos, há sempre um fio, por mais sutil que seja, que liga o trabalho artístico ao tempo e aos acontecimentos de sua época e, nesta direção, criar uma rede de registros poéticos e de trabalhos sobre a situação de confinamento causada pela pandemia foi uma forma de estabelecer diálogos entre os envolvidos que, por sua vez, fazem parte de diferentes grupos sociais. Esta rede de troca e os trabalhos testemunharão este momento peculiar da nossa história, contarão a nossa experiência para os que vierem depois. Para Salles, *o artista não cumpre sozinho o ato da criação. O próprio processo carrega*

*esse futuro diálogo entre artista e o receptor* (SALLES, 2009). Neste sentido, a ação desenvolvida viabiliza a movimento criador na medida em que se apresenta como uma pergunta a ser respondida: pelos moradores para os artistas, pelos artistas para os moradores e para os outros tantos receptores de suas obras. O que você vê pela sua janela? Apesar das condições inéditas impostas pelas circunstâncias que inserem o ano de 2020 na história mundial, ainda que em estado de isolamento, o ato criador, por sua própria natureza comunicativa, é capaz de encontrar caminhos de convergência.

## **Referências**

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1986.